

2

A construção sócio-histórica da homossexualidade

Neste capítulo, abordamos as questões relacionadas à construção social da sexualidade de um adolescente e as relações com a família, os amigos e pessoas estranhas.

Assim, iniciamos o capítulo com a construção sócio-histórica da homossexualidade, com discussão dos termos e conceituações para depois passarmos à abordagem de gênero e masculinidade na adolescência, envolvendo, em uma das seções, a relação e convívio com os outros: a família, os amigos e os estranhos; no final do capítulo, abordaremos a questão de assumir-se como homossexual e “Sair do Armário”.

2.1

Breve histórico da homossexualidade

Nessa seção, enfocaremos a construção sócio-histórica da homossexualidade e da categoria de homossexual. Não trabalharemos com a questão da prática sexual, se o indivíduo nasce ou não homossexual; o foco desta pesquisa está na construção da categoria na adolescência. Primeiro, faremos um breve histórico da homossexualidade em termos internacionais, para, em seguida focar no caso do Brasil.

A categoria homossexual passou a existir a partir do século XIX no discurso médico. Antes disso, existia o sodomita, que cometia o ato da sodomia, não permitida por motivos religiosos e, por isso, fazia parte da lista dos pecados graves. A sodomia era definida pelo ato, não pela pessoa que o praticasse, e não era considerada uma categoria identitária (Green, 2006).

No século XVIII, a homossexualidade perde a referência bíblica e passa a ser chamada de pederastia. Neste momento, torna-se um pecado contra o Estado, a ordem e a natureza. Além disso, a homossexualidade ainda era considerada uma

aberração, uma confusão da natureza, não sendo reconhecida como uma identidade (Green, 2006).

Durante anos, médicos e cientistas procuraram intervir de forma científica, física ou psicologicamente, na dita anomalia que acompanhava as pessoas que se relacionavam com o mesmo sexo. (Trevisan 2007, p. 177-178).

No século XIX, começaram as tentativas de explicar cientificamente o fenômeno da homossexualidade, mas resultaram inúteis as buscas de fatores hereditários, assim como estudos antropométricos e experiências com dosagens hormonais. Passou-se, então, à abordagem neuropsicológica (Freud, 1996, p.109-110).

No começo do século XX, Freud explicou o homossexualismo masculino a partir de uma longa e intensa ligação edipiana com a mãe. Na adolescência, incapaz de renunciar a ela como objeto sexual, o rapaz identifica-se com a mãe, ‘transforma-se’ nela e passa a buscar objetos a que possa amar e de que possa cuidar da mesma forma como foi amado e cuidado. Quanto ao sexo feminino, a mulher seria obrigada, após a fase fálica, a trocar o clitóris pela vagina como órgão sexual e a mudar também o objeto de seu amor, ou seja, trocar a mãe pelo pai. Nessa dupla passagem, que implica tremendo esforço psíquico, ela pode identificar-se com o pai ou com uma mãe virilizada e regredir a uma virilidade que não se confunde com a fase fálica infantil (Freud, 1996, p. 109-110).

A teoria freudiana foi uma contribuição de relevância para o esclarecimento de numerosos aspectos do comportamento humano e, em particular, para retirar o debate em torno do homossexualismo do terreno moral. No entanto, ainda o encara como uma manifestação patológica, o que vem sendo, cada vez mais, contestado.

Quando o comportamento homossexual passou a categoria identitária, criou-se uma minoria que ficou sensível à discriminação social. No entanto, não existiu uma inércia dos homossexuais em relação às restrições impostas a eles, como se verá a seguir.

Segundo Silva (2001, p. 20), foi por meio dos movimentos de liberação homossexual, sobretudo após o incidente de Stonewall em Nova York em 28 de

junho de 1969, que surgiu o termo *gay* como forma de apagar o teor psiquiátrico do termo homossexual, instaurando a luta política.

Em 28 de junho de 1969, durante uma batida da polícia de Nova York em um bar freqüentado por gays, o Stonewall, em Greenwich Village, cansados das humilhações e perseguições, os gays que estavam no bar resistiram à polícia, trancando os policiais dentro do bar e ateando fogo ao recinto. A batalha, que tinha pedras e garrafas como armas e envolveu milhares de pessoas, durou toda a madrugada do dia 28, prolongando-se até o início do outro mês. Um ano após a rebelião, 10 mil gays, provenientes de todos os estados norte-americanos marcharam pelas ruas de Nova York, demonstrando que estavam dispostos a seguir lutando por seus direitos. Diante desse fato, o dia 28 de junho foi instituído o Dia Internacional do Orgulho Gay (Oliveira, 2006, p. 31-32).

A partir do final dos anos 60, o movimento gay buscava acabar com o sistema que marginaliza a homossexualidade. Os ativistas gays se articulavam com os movimentos de liberação dos direitos dos negros e da mulher então atuantes, e este movimento americano se expandiu para o mundo e influenciou os grupos gays brasileiros (Trevisan, 2007).

Para compreendermos melhor o movimento gay no Brasil, é importante que vejamos antes como a homossexualidade era vista a partir do século XIX, para ficarmos apenas num período mais próximo do atual.

No Brasil, segundo Trevisan (2007, p. 177-184), no decorrer do século XIX, o tratamento dado ao indivíduo enquadrado como desviante caminhava paralelamente com a Europa. As abordagens científicas sobre as “perversões sexuais” com base na teoria de gênero da sociedade brasileira da época surgiram na medicina. Juízes especializados em Direito Criminal utilizavam conceitos da psiquiatria e alertavam que no Brasil a pederastia se expandia. No tempo do Império, estas autoridades se referiam aos homossexuais como homens ativos e homens passivos.

Os psiquiatras prescreviam a homossexualidade como “inversão congênita ou psíquica” (Trevisan, 2006, p.179), assim, a homossexualidade passa também à categoria identitária.

A homossexualidade foi marginalizada e estigmatizada pela sociedade brasileira e, durante décadas, foi vista como doença e perversão. Geralmente, os homossexuais brasileiros apareciam nos jornais nas páginas policiais ou em reportagens sobre o Carnaval (Green, 2006).

Segundo Green (2006), para mudar a visão e o estigma que a sociedade brasileira tinha dos homossexuais nas décadas de 60 e 70, houve lentamente uma organização dos homossexuais no Brasil e criou-se, em 1976, o Dia do Homossexual, uma comemoração marcada para acontecer no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. No entanto, o evento foi cancelado em decorrência da repressão policial.

Trevisan (2007) relata que a história dos homossexuais no Brasil durante as décadas de 60 a 80 é carregada de fatos relacionados ao autoritarismo vigente, principalmente no Regime Militar. Homossexuais eram perseguidos e humilhados publicamente por policiais e militares que criavam razões indiretas para tais atos como “atentado ao pudor”, “vadiagem” ou “consumo de drogas”.

A partir da metade da década de 80, com a redemocratização da sociedade brasileira, a questão da homossexualidade voltada para a noção de identidade gay tornou-se mais eminente. A militância homossexual reduziu-se a poucos ativistas, mas tinha uma representatividade firmada principalmente pelo Grupo Gay da Bahia (Trevisan, 2007).

A década de 90 foi o período de inserção de homossexuais em vários campos da sociedade. O “consumo guei” (Trevisan, 2007, p. 376) passou a crescer muito no Brasil e revelou à sociedade a necessidade de consumir a partir dos anseios homossexuais. Assim, em todo Brasil, surgiram vários jornais, revistas e produtos dirigidos ao público gay, que passa a ser visto como um consumidor que tem dinheiro, ou seja, o que se costuma chamar de nicho de mercado.

Com a adaptação brasileira da expressão americana *gay friendly*, a sigla GLS (Gays, Lésbicas e Simpatizantes) projeta os homossexuais para espaços mais amplos e aumenta a visibilidade da pluralidade homossexual no país.

Nos últimos anos, a sociedade brasileira acompanhou o crescente movimento dos gays em todas as capitais como as Paradas GLBT (Gay, Lésbica,

Bissexual e Transgênero), que reúnem milhares de pessoas e os personagens gays em novelas e programas de TV.

Assim, podemos observar que, mesmo com as mudanças ocorridas no Brasil, a homossexualidade ainda é tida como uma prática sexual marginal, o que atrapalha as pessoas que têm relação com pessoas do mesmo sexo de usufruírem da mesma liberdade e dos mesmos direitos dos heterossexuais, ainda mais se essa pessoa for um adolescente que, por conta da própria condição, não tem autonomia.

2.1.1

Discutindo os termos e conceituações

Esta seção é dedicada à discussão dos termos e conceitos que são abordados na pesquisa. A partir dos estudos de gênero e da Teoria “*Queer*” nos anos 90 (Butler, 2003) surgiu a preocupação em conceituar os termos homossexual, gay, homoerótico, homoafetivo, homossexualismo, homossexualidade, homoerotismo e homoafetividade.

O termo inglês “*queer*” originalmente significa ‘estranho’. Em meados dos anos 70, nos Estados Unidos, foi muito usado para ofender os homossexuais. Com o aparecimento do “*Gay Power*”(Green, 2006, p. 159-162), o termo passou a ser usado pela comunidade homossexual não mais com o sentido pejorativo e ofensivo, mas como uma palavra que significava “diferente e singular” (Santos, 1984).

Segundo Oliveira (2006), nos anos 90, a Teoria *Queer* surgiu para desafiar as concepções de linguagem e gênero focadas no modelo da dominação e diferença e pautadas no binarismo sexo-gênero para tratar de linguagem e gênero. A Teoria *Queer* questiona a construção de uma identidade única e trata a homossexualidade e heterossexualidade como categorias de conhecimento e como status social e identitário.

Para Taques (2007), os termos homossexual, homoerótico, homófilo, gay e entendido são palavras que são usadas para nomear os sujeitos que se relacionam sexualmente ou têm desejos por pessoas do mesmo sexo biológico e “trata-se de

uma ‘nomeação’ que, via de regra, não implica pejorativa” (Taques, 2007, p. 223). O autor discute amplamente todos os termos que são usados e as concepções que cada um traz. A discussão inicia-se em torno do termo ‘homossexual’ considerado o mais usado na sociedade, mas utilizá-lo parece arriscado, pois muitos sujeitos homoeróticos não se consideram homossexuais. O termo ‘gay’ passa pela idéia de questão identitária: ‘identidade gay’. Há dois pontos importantes que envolvem este termo: a valorização desta identidade para combater o preconceito e afirmação de uma única identidade possível para os sujeitos homoeroticamente inclinados (Taques, 2007).

Essa utilização de diversas nomenclaturas também ocorre no Brasil, onde os grupos de luta pelos direitos homossexuais empregam variados termos para se identificarem. Mott (1996, p. 13) defende a permanência dos termos homossexual e gay, pois acredita que evocam uma historicidade ligada ao resgate e luta de sentidos propostos pelos movimentos gays norte-americano e brasileiro a partir das décadas de 70 e 80.

Trevisan (2007, p. 188) considera que tanto faz utilizar os termos gay, homossexual ou homoerótico, pois ainda a sociedade vê o homossexual como doente e anormal.

Antes do século XVIII, o homossexual já era vista como um ser anômalo. Na segunda metade do século XIX, o termo homossexualidade foi empregado para denominar de uma única forma o que era falado de diversas maneiras: molices, pederastia, sodomia, pecado infame, nefandices. Todas palavras eram empregadas com o objetivo de nomear as práticas sexuais entre pessoas de mesmo sexo biológico (Trevisan, 2007).

Do século XVIII ao século XIX, a palavra “invertido” passou a ser usada como um termo para designar sujeitos homossexuais. Segundo Badinter (1992, p. 32), “invertido” associa-se a “efeminado”, portador de uma inversão sexual.

A concepção e definição do termo homossexualidade só seriam mais empregados décadas depois. De acordo com Trevisan (2007, p. 177-178), em 1862 um juiz alemão, Karl Heinrich Ulrichs, criou a palavra uranismo, derivada da Afrodite Urânia, a musa que, no discurso de Pausânias, no *Banquete* de Platão, representava o amor entre homens (Platão, [360 a.C.] 1972), mas, segundo Fry &

MacRae (1985, p. 12), somente em 1869 que surgiu a palavra homossexualidade, na Alemanha, pelo médico austro-húngaro Karol Maria Kertbeny.

Então, em 1869, surge o termo homossexual para viabilizar as abordagens sobre os aspectos da sexualidade desviante com mais rigor e precisão. Até aquele momento, a conceituação de homossexualismo enquanto categoria lingüística e científica era sob uma ótica mais rigorosa e subjetiva. (Trevisan 2007, p. 177-178).

De acordo com Taques (2007, p. 226), “o termo “homossexual” poderia ser considerado como uma grande categoria (guarda-chuva) para abarcar toda a diversidade das homossexualidades”. Entretanto, não seria aconselhável ainda utilizá-lo, pois muitos sujeitos que se relacionam com pessoas do mesmo sexo têm enormes dificuldades em se considerarem homossexuais (Taques, 2007).

O termo “gay” possui uma maior aceitabilidade entre os homossexuais masculinos (Mott, 1996). Segundo Silva (2001), foi por meio dos movimentos de liberação homossexual, sobretudo após o incidente de Stonewall em Nova York em 28 de junho de 1969, que surgiu o termo *gay* como forma de apagar o teor psiquiátrico do termo homossexual. Este termo é muito usado pelos movimentos de luta e liberação dos direitos homossexuais.

Na sociedade contemporânea, o uso do termo homossexualidade, baseado no fato de que tende a dar conta de uma condição humana e de uma orientação sexual, parece ter um uso mais amplo e dinâmico que o seu sinônimo homossexualismo. A partir dos anos 80, homossexualismo dá lugar ao emprego de homossexualidade por se tratar de um termo menos discriminatório, mais isento e amplo. O primeiro concebia uma doença, e o segundo é menos discriminatório, porque não é mais considerada como uma doença, todavia, homossexualidade ainda atenuava a idéia que há uma identidade, algo que caracterizasse as pessoas que praticam relações afetivas e sexuais com pessoas do mesmo sexo, e é exatamente esse ponto que a proposta de Costa (1992) vai criticar.

O termo homoerotismo é proposto por Costa (1992) com o objetivo de desfazer as concepções ligadas às noções de homossexualismo ou homossexualidade. Para o autor, a noção de homoerotismo é mais adequada por

descrever as práticas ou desejos dos homoeróticos em sua pluralidade e desconstrói qualquer visão essencialista ou patológica.

Homoerotismo é uma expressão usada atualmente no lugar de homossexualidade. Tem suas origens nos estudos psiquiátricos e a implicação de que a subjetividade é um efeito da linguagem, e o indivíduo, a transparência e convergência das crenças, desejos e relações públicas, privadas e sociais (Costa 1992; 1995).

O conceito de homoerotismo pode ser a descrição plural das práticas ou dos desejos dos homens e mulheres que têm uma orientação sexual por pessoas do mesmo sexo. A conceituação afasta-se da premissa de que a orientação sexual de um sujeito possa ser um desvio, degeneração, anomalia, doença ou mesmo um conjunto de comportamento pré-determinado pela sociedade.

A construção do homoerotismo abre ao sujeito homoerótico a possibilidade de sentir os mais variados desejos ou relações físicas de aspecto erótico por indivíduos do mesmo sexo biológico, não estando ligado com práticas pré-determinadas, mas sim com múltiplas subjetividades que a própria homossexualidade pode ter.

Costa (1992) justifica o fato de não concordar com o uso dos termos homossexualismo e homossexualidade com os seguintes argumentos: i) os termos relacionam-se à doença, à degeneração, ao desvio, ao crime; ii) pressupõem uma “essência”, uma marca subjacente a todos os sujeitos cuja orientação sexual tende ao amor entre pessoas do mesmo sexo biológico; iii) possuem uma forma substantiva indicativa de identidade. O sujeito homoerótico, por sua vez, não está preso a uma única identidade, mas em identidades pulverizada e fragmentadas, ou seja, podemos afirmar que o homoerótico tem vários homoerotismos.

O uso dos termos homossexualismo e homossexualidade não são adequados para denominar uma série de experiências e identidades tão múltiplas. Logo, o uso homoerotismo seria mais indicado, pois corresponde às características baseadas na noção de desejo e não de sexo e objetiva afastar o senso comum das idéias equivocadas atribuídas à palavra homossexual. Em síntese, a noção de homoerotismo exclui a possibilidade de se pensar o homoerótico como desviante,

anormal, doente ou pervertido e que ele tenha uma biologia diferente do heterossexual.

Sobre o conceito de homoerotismo, Almeida Neto (1999, p. 23) é contra os argumentos de Costa (1992) porque esta conceituação ainda está sob a noção de identidade homossexual.

Silva (2007, p.19), por seu turno, rejeita a utilização do conceito de homoerotismo por considerar que “ele conduz à invisibilidade do componente sexual da homossexualidade, ao mesmo tempo em que nega a existência de uma identidade gay.”

Oliveira (2006, p. 21) levanta a questão em torno dos termos homossexual/homossexualismo e homoerótico/homoerotismo e a necessidade de se ter um termo que abarcasse o aspecto afetivo dos homoeróticos. A autora argumenta que Costa (1992, p. 21-22) propôs os termos homoerótico/homoerotismo que negam as idéias do século XIX, como doenças físicas ou psicológicas, mas aludem a um dos aspectos de preconceito contra gays que é o interesse e prática sexuais exagerados. A homoafetividade realça, semanticamente, o aspecto relevante dos relacionamentos que não é de ordem, tão somente, sexual, e sim da afetividade, e o afeto independe do sexo do par.

Segundo Dias (2007, p. 1), “o exercício da sexualidade, a prática da conjunção carnal ou a identidade sexual não distinguem os vínculos afetivos. A identidade ou diversidade do sexo do par gera espécies diversas de relacionamento”. Mediante este fato, trata-se de se destacar as relações homoafetivas ou heteroafetivas do que em relações homossexuais ou heterossexuais.

Oliveira (2006, p.33) destaca que a homoafetividade ganhou espaço significativo no final do anos 90, publicando e apresentando para a sociedade o termo gay de forma menos estereotipada, mas ainda com forte enraizamento em uma visão de prática sexual marginal, impedindo aqueles que se relaciona com pessoas de mesmo sexo de gozarem dos mesmos direitos dos heterossexuais.

Mesmo não havendo concordância total acerca do uso de homoerotismo, ao longo deste trabalho adotaremos, preferencialmente, os termos *homoerotismo* e *homoerótico* para discutirmos as relações entre pessoas do mesmo sexo sob a

ótica de Costa (1992), em que se reconhece um ser com uma sexualidade plural e que corresponde ao desejo, e não a sexo, e que exclui toda noção das idéias referentes à homossexualidade. Quando abordarmos os autores que trabalham com os termos *homossexualidade*, *homossexual* e *gay*, estes dois últimos considerados sinônimos, também os utilizaremos. A conceituação de *homossexualismo* não será abordada, pois o sufixo “ismo” nos leva à categoria de patologia, e esse não é o foco de abordagem nesta pesquisa.

2.2

Gênero e masculinidade na adolescência

O gênero na adolescência, caracterizado como o que é masculino e o feminino, é um construto social feito por meio dos discursos em interação e está discursivamente ligado ao sexo: homens precisam ser masculinos e mulheres, femininas. Para Weeks (1999, p. 43), o gênero é “uma diferenciação social entre homens e mulheres”.

No que tange à identidade social de gênero masculino, podemos afirmar que é esperada do homem, entre outros aspectos, a aptidão para os esportes e a racionalidade. Assim, em uma interação discursiva entre os adolescentes, esperamos a adesão deles a tais aspectos, visto que contribuirão para a construção da identidade social masculina na qual estão se engajando.

Geralmente, quando abordamos gênero e masculinidade relacionados a qualquer idade do homem, as definições do que é ser masculino e do que é ser feminino gera todo um discurso. Badinter (1993, p. 99) nos leva à reflexão quando afirma que “a identidade masculina está associada ao fato de possuir, tomar, penetrar, dominar e se afirmar, se necessário pela força à identidade feminina ao fato de ser possuída, dócil, passiva e submissa”.

É necessário entender que o discurso do binarismo é, essencialmente, uma forma de dividir, separar, desconectar, desligar categorias de sujeitos, que um sobressai sobre o outro: homo, mulher e negro, à supremacia do primeiro: hetero, homem e branco.

A construção de identidade de gênero de um adolescente – homem ou mulher – dependerá da maneira como foi criado, do período social em que viveu e da cultura familiar e social em que cresceu. Homens e mulheres são orientados sexualmente de formas diferentes, mesmo que eles tenham a mesma cultura, pois socialmente o homem tem uma função sexual diferente da mulher (Guacira Louro 1997, p. 22-24).

Para Louro (1997, p. 22-24), a identidade de gênero liga-se à identidade histórica e social dos sujeitos, que se reconhecem como femininos ou masculinos, e a identidade sexual está relacionada diretamente à maneira como os indivíduos experienciam seus desejos corporais, das mais diversas formas: sozinhos/as, com parceiros do mesmo sexo ou não.

A sociedade exige de homens e mulheres que se comportem segundo os padrões sobre quem são. Essas regras ou convenções são chamadas de masculinidade hegemônica (Connell, 1995, p. 36). A masculinidade hegemônica para Moita Lopes (2002, p. 157 e 158) torna-se mais explícita no âmbito dos esportes, por ser hierárquico e competitivo, além de envolver o enfrentamento físico. Ainda nesse aspecto, destaca-se o papel atribuído à racionalidade que considera meninos mais inteligentes que meninas, tomando por parâmetro estruturas emocionais predominantes nestas. E no âmbito da globalização, atualmente, pesquisas e meios de comunicação dão conta de que o homem hegemônico entra em conflito quando percebe que as mulheres compartilham o papel também de provedora do lar, tornando-se vulnerável diante da sociedade e da mulher.

As diferenças entre os gêneros estão condicionadas pelas culturas que têm uma forma diferente de encarar a educação de homens e mulheres e aos que priorizam a educação rígida e diferenciada para meninos e meninas.

Por outro lado, o homem não pode ser analisado somente em relação à mulher, mas em relação às várias maneiras de ser homem, ou seja, há diversas formas de ser homem.

2.3

Estudos sobre a homossexualidade na adolescência

Nesta seção, discutiremos a construção discursiva da sexualidade (homoerótica) e do gênero (masculino) na adolescência. Aquela se inicia nos primeiros anos de vida, por isso, antes de tratarmos da adolescência, faremos uma breve discussão teórica sobre a infância. Geralmente, a orientação sexual, o sexo pelo qual sentiremos amor e desejo, manifesta-se durante a infância, e a identidade sexual (assumir uma orientação, no caso desta pesquisa, a homoerótica) inicia-se antes da adolescência e passa a ser construída e tomar forma a partir da adolescência até a fase adulta.

Antes da homossexualidade se desenvolver, a criança começa a ter a consciência do gênero desde os dois anos, quando vê que pertence a um sexo e não a outro e, conseqüentemente, isso traz uma série de condutas. A partir dos três anos, a criança já se identifica como menino ou menina; pode acontecer de um menino se sentir mais identificado com as meninas e desenvolver as condutas e preferências que são associadas somente ao sexo oposto, como brincar de boneca (Castañeda, 2007).

Muitos sujeitos homoeroticamente inclinados contam que se identificaram muito cedo com o sexo oposto, como relata Green (1985, p. 339): “Todos os homossexuais que atendi contaram que se sentiam diferentes de seus pares a partir dos três anos de idade. Descreveram que eram mais sensíveis e mais chorões e por serem diferentes se sentiam estranhos.”

De acordo com Castañeda (2007), no final da infância e início da puberdade, momento em que começa a se definir a orientação sexual, os pré-adolescentes são bombardeados, na socialização formal e informal, com imagens e mensagens do casal heterossexual. O menino e a menina com desejos afetivo-sexuais predominantemente voltados para o mesmo sexo biológico sentem-se perdidos e oprimidos neste mundo que rotula sentimentos mais íntimos e profundos com palavras insultuosas: descarração, sem-vergonhice ou pouca vergonha, frescura, pecado mortal, dentre outras.

As condutas e atitudes consideradas femininas pelo senso comum e que são exercidas por meninos são reprovadas pela sociedade, pois há papéis definidos e impostos para cada gênero. O adolescente efeminado pode passar a construir a sua homossexualidade durante a sua adolescência, passando a sofrer preconceito desde a sua infância, no entanto esse momento que o menino teve condutas consideradas femininas não pode ser usado como um signo precursor do homoerotismo (Castañeda, 2007).

O período em que o adolescente vai descobrindo a sua homossexualidade é marcado por vivências em que os meninos efeminados são alvos de chacota e são estigmatizados desde a infância.

Na adolescência, os sentimentos podem estar confusos e a admiração que se tem por colegas do mesmo sexo pode se confundir com atração física. Mas, conforme explicita Gewandsznajder (2004, p. 78), não se deve ir rotulando os outros em decorrência disso. Melhor do que ficar se preocupando com rótulos é desenvolver a auto-estima e o respeito por si mesmo. Só assim todas as relações, do presente e do futuro, independentemente de serem amizades ou algo mais, vão ter a dignidade que todo mundo merece.

Para Abramovay (2004, p. 278), no período da adolescência, o indivíduo convive sociopsicologicamente com vários desafios relacionados ao que ele é ou o que pode chegar a ser. A adolescência constitui um período de dúvidas em que o processo de firmar uma identidade envolve inúmeros conflitos: desde a despedida da infância, passando pela descoberta das mudanças do corpo e da dimensão emocional, até a escolha do caminho para a vida adulta, tudo isso acontecendo ao mesmo tempo.

O início da adolescência é marcado pela procura por afeto e amor. Os adolescentes “começam a se envolver com os significados/discursos do amor, do afeto e do sexo” (Moita Lopes, 2002, p. 98). O adolescente passa a ter desejos sexuais, comumente, por alguém do sexo oposto. Porém, podem acontecer manifestações sexuais entre pessoas do mesmo sexo que também estão se descobrindo. Muitos adolescentes experimentam o contato sexual com uma pessoa do mesmo sexo, sem que esse ato implique uma orientação pelo

homoerotismo. Apesar de estar cada vez mais presente no discurso social, o homoerotismo ainda acarreta grande impacto e restrições.

De acordo com Castañeda (2007, p. 89), na fase da adolescência “os jogos sexuais são muito freqüentes, sendo atividades comuns (...) fazendo parte da iniciação da sexualidade”. Nesse processo de exploração é que o adolescente começa a se identificar como homoerótico, podendo se manifestar logo ao se sentir independente e mais seguro em relação à sua orientação sexual. Outros não se revelam jamais por estarem inseguros de sua inclinação e ainda não terem apoio de amigos e/ou família. Vejamos a seguir como se dá a construção dessa identidade na rede de relações sociais.

Adolescentes masculinos que se encontram no processo de descoberta de seus desejos homoeróticos e que estão construindo uma identidade pessoal relativa a essas descobertas e à participação em momentos sociais assumem algum grau de familiaridade com a linguagem e as práticas culturais homoeróticas. Na ausência de tal informação, o significado se torna dependente de um contexto específico (ao invés de pré-discursivo), de negociação e de inferência e de uma dupla subjetividade (baseado no ouvinte e no orador), e de alguma forma em condição de risco. Esta ausência de informação foi denominada por Lead (1996, p. 266) de “discurso silencioso”.

Na construção do discurso silencioso, encontram-se as tentativas de suicídio de adolescentes que lutam para colocar um fim em seu homoerotismo. Ao se reportarem a sua adolescência, os homens homoeróticos se referem a um período de solidão e isolamento, segundo Lead (1996, p. 266), ou, ainda, como um tempo de compreensão de sentimentos, recentemente descobertos, de emoções e de interesses, ao reunirem informações que os ajudaram a compreender melhor essas descobertas.

A orientação homoerótica como uma identidade culturalmente existente pode ser avaliada pelo grau de aderência do orador às máximas, comunicando sua sexualidade. Revelar-se pressupõe que a audiência se subscreve ao modelo normativo de gênero e sexualidade e que o modo mais efetivo para desalojar a pressuposição heterossexual insinua que os dois modelos de gênero citados não são compartilhados pelo orador.

Lead (1996) reafirma que gays, termo usado pelo autor, que passam como heterossexuais apresentam uma identidade que é dissonante com a forma com a qual eles na verdade experimentam ser. Identidades declaradas e implicadas são um resultado de decisões lingüísticas modificadas no curso de uma interação, na qual a contribuição de cada indivíduo reflete a intenção tanto do indivíduo quanto dos constrangimentos sociais locais e globais. Este processo de negociação entre indivíduos, intenções e forças culturais ilustra a conexão íntima entre linguagem e identidade existente.

Assim, a adolescência é o período da vida dos jovens cujas práticas discursivas relacionam-se com a construção da identidade social. Segundo Erikson (1962, p. 13), a adolescência é “considerada um momento na vida quando as pessoas estão envolvidas na construção de um sentido coerente de quem são no mundo social, sendo então um processo crucial para detectar os discursos de construção da identidade em desenvolvimento”. Nas palavras de Erickson (1962, p. 14), “o adolescente deve perceber uma semelhança significativa entre o que ele vê em si mesmo e o que sua consciência aguçada indica que os outros julgam ou esperam que ele seja”. Desta forma, o termo adolescência é usado para descrever tanto as mudanças físicas da puberdade como os aspectos psicológicos e sociais que caracterizam essa etapa da vida.

Do ponto de vista individual, cada adolescente constrói o seu homoerotismo sem seguir um modelo, pois há uma infinidade de formas que podem assumir as relações entre homens e mulheres e também variam segundo lugares e épocas históricas. Não há uma seqüência lógica de práticas sexuais do sujeito homoerótico. Geralmente, poderíamos afirmar que o homoerotismo na adolescência se desenvolve primeiramente a partir das experiências ou práticas sexuais e, depois, há uma consciência do homoerotismo. Muitas vezes os homens são iniciados no homoerotismo por práticas sexuais que lhes são impostas na infância ou adolescência. Ao tomar a consciência de seu desejo, o adolescente pode assumir o seu homoerotismo para si próprio e para a sociedade. Então, há primeiramente uma junção de práticas, sentimentos e desejos; depois, um processo em que o adolescente aceita o seu homoerotismo para si mesmo, e depois diante da sociedade, diferentemente do que ocorre com o heterossexual.

A fase de desenvolvimento da homossexualidade na adolescência é muito diferente da heterossexualidade. Na vida dos heterossexuais, as relações amorosas progredem em etapas mais ou menos previsíveis e cada uma delas prepara, de alguma forma, a seguinte. Com os adolescentes homoeróticos, as experiências amorosas, muitas vezes, podem ser construídas num processo silencioso. O menino pode estar apaixonado por outro sem nunca se expressar e nem consumir os seus sentimentos. Ele se constrói num processo silencioso (Castañeda, 2007), da qual a família nem sempre participa.

A identidade homossexual é primeiramente construída durante a adolescência, quando os jovens vão desenvolver e estabelecer uma identidade social independente da família. Esse desenvolvimento para os heterossexuais é facilitado pela sociedade. As escolas, as festas e a cultura em geral encaminham o adolescente a desenvolver características e comportamentos para um futuro como heterossexual (Castañeda, idem). Para o adolescente homossexual, tudo é diferente. Aos poucos, descobre que os seus desejos sexuais não se parecem com aqueles dos seus colegas, e as fantasias eróticas não correspondem com o que vê na televisão e no dia-a-dia (Castañeda, idem).

No momento em que o adolescente passa a descobrir esses contrastes, produzem-se várias situações que podem determinar o curso de toda a sua vida. No início, sente-se como diferente, de forma que nota que é visto como ilícito, por causa dos comentários e “brincadeiras” que escuta em relação ao homoerostismo. Segundo Castañeda (idem, p. 85), “essas falas, aliás, são freqüentes: 97% dos estudantes do ensino fundamental e/ou do ensino médio americanos contam que ouvem regularmente comentários homofóbicos.”

Dessa forma, o adolescente homossexual identifica-se menos com seus colegas e não participa mais do grupo. Vê que não é igual aos outros e tem desejos e objetivos amorosos que não correspondem aos dos seus amigos (Castañeda, idem).

Aos poucos, sabe que não pode compartilhar o que se passa com os outros e começa a se sentir só e, às vezes, excluído da sociedade. Sente muitas vezes vergonha de ser homossexual e isso acaba afetando a sua auto-estima e a sua relação com o mundo (Castañeda, idem).

Para os familiares e os colegas, o sujeito homossexual é uma pessoa que não teve relações com o sexo oposto; se as tivesse tido, ele não seria homossexual. Ou, ainda, acredita-se que os homossexuais têm pavor do sexo oposto. Na verdade, muitos homossexuais, homens e mulheres, fizeram esforço para ter experiências heterossexuais – seja para experimentá-las, seja para negar sua homossexualidade. Esse tipo de atitude é mais comum do que se imagina e faz parte da construção da identidade gay (Castañeda, idem).

Quando o adolescente toma consciência da sua homossexualidade, passa por um processo que não é simples; e é ainda mais complexo pela dificuldade que todos os adolescentes têm de entender e expressar claramente seus sentimentos. A verbalização não é um ponto forte entre os jovens, e menos ainda quando a cultura de seu meio não lhes oferece o vocabulário necessário e a sociedade censura a expressão de certos desejos e sentimentos. Essa primeira fase na construção da identidade homossexual é, portanto, cheia de dúvidas, de solidão, de confusão e muitas vezes de vergonha.

E numa segunda fase, o jovem homossexual consegue enfim nomear o que sente; começa a reconhecer a possibilidade de que seus sentimentos, desejos e fantasias sejam homossexuais. Começa a explorar essa idéia e a compartilhá-la, talvez, com um confidente.

2.4

A relação e o convívio do adolescente com os outros

Para o estudo da identidade de adolescentes, deve-se partir da premissa fundamental de que o ser humano é um ser social, sendo a sua subjetividade construída nas relações sociais, com a família e demais grupos do qual fará parte. Assim, cada pessoa aprende a ser o que é no contato com o outro, quando desenvolve a capacidade de se apropriar da realidade existente (Castañeda, 2007).

O adolescente homoerótico vê-se diante da masculinidade que é imposta pela família, amigos, escola e estranhos. Connell (1995, p.123) afirma que na adolescência a heterossexualidade e suas normas são práticas coletivas e impostas pelos pares como naturais. Este natural é sempre questionado porque é imposto. A

dificuldade para o adolescente é que o desejo homoerótico ameaça a hegemonia masculina, por isso os pares sentem a necessidade de mantê-la e garanti-la.

O primeiro desafio enfrentado é a auto-aceitação, pois a descoberta do eu-homossexual gera inúmeros pensamentos no adolescente e ele, por ter medo da família, dos amigos e da sociedade, sofre calado. Os transtornos são maiores quando a família e amigos homofóbicos desconfiam da sua orientação sexual. Na esperança de um ombro amigo, encontra a indiferença, um escândalo ou uma humilhação dentro de casa. É aí que se juntam as *piadinhas chatas* na escola e as *caras viradas* de alguns amigos. As barreiras sociais, os preconceitos e a falta de aceitação levam muitos adolescentes a situações extremas, crises nervosas, choro, depressão profunda, evasão escolar e suicídio (Castañeda, 2007).

2.4.1

A família

O adolescente homoerótico geralmente teme a rejeição dos pais, por isso ele normalmente não se assume antes da adolescência ou até o início da vida adulta. Nesse sentido, com frequência, assume primeiro para outros jovens gays (Isay, 1998), pois sabe que encontrará apoio e compreensão do grupo de iguais.

Ao entrarem na adolescência e começarem sentir atração sexual por rapazes e não moças, muitas vezes, sentem-se sufocados e sozinhos. A descoberta do homoerotismo pode desorientar alguns adolescentes, principalmente aqueles que não têm auxílio de pais e familiares, pois encontram dificuldades para discutir a sua sexualidade. (Isay, idem).

Os primeiros conflitos da homossexualidade na adolescência acontecem em casa. É no seio da família que o adolescente gay pode experimentar, pela primeira vez, o preconceito. O contexto social, cultural e conservador é um fator determinante para que a família rejeite a homossexualidade e chegue até a deserdar um filho homossexual (Castañeda, 2007).

Na família, os pais reagem de várias formas ao tomarem conhecimento do homoerotismo dos filhos. Há, por exemplo, aqueles que encaram essa orientação como um problema psiquiátrico que precisa de tratamento médico. Outros

ignoram, fingem não ver o que está acontecendo. Qualquer uma dessas reações pode se refletir negativamente no sujeito, pois a família é tida como um “porto seguro”. Ao descobrir que não pode contar com este apoio, o adolescente se sente abandonado, sem ter para onde ir (Isay, 1998).

Muitos pais reagem de forma violenta com a descoberta ou a revelação da homossexualidade de seus filhos. Nos grupos Atobá-RJ, Arco-íris-RJ, Estruturação-DF, Grupo Gay da Bahia e ONGs que lutam pelos direitos humanos, há vários registros de meninos e adolescentes que sofreram todo tipo de violência física quando seus pais descobriram que eram homossexuais: humilhação, insultos, espancamento, expulsão de casa e alguns chegam até a escutar a frase ainda hoje proferida pelo Brasil afora: “prefiro um filho morto a um homossexual!” (Mott, 1996, p. 46).

Portanto, é sempre um momento de tensão para o adolescente quando sente que a sua identidade secreta, o seu homoerotismo, pode ser descoberto ou quando é pressionado pelos pais a assumir-se.

2.4.2

Os amigos

O encontro dos iguais no mundo dos diferentes é o que caracteriza a formação dos grupos de adolescentes, que se tornarão lugar de livre expressão e de reestruturação da personalidade, ainda que essa fique por algum tempo sendo coletiva (Castañeda, *idem*).

Quando o adolescente homossexual encontra outros adolescentes ou adultos homossexuais para efetivarem amizades, torna-se saudável, pois assumir-se para estes amigos ajuda-o a superar as dificuldades e transtornos causados pela estigmatização e rejeição por parte dos colegas ou da família e atenua a sensação de isolamento cognitivo e social (Castañeda, *idem*).

Na adolescência, a relação do homossexual com os seus colegas e amigos intensifica-se primeiramente na escola, por ser, em geral, a primeira instituição com que a criança tem contato fora da família. Assim, nesta instituição, são

firmados vínculos com outros adolescentes que se identificam com ele; com frequência esta identificação ocorre mais com meninas (Castañeda, 2007).

Os meninos trazem consigo significados construídos previamente que são baseados na hegemonia do masculino. Então, afastam-se do sujeito homossexual porque há uma vinculação natural do masculino com o heterossexual, conduzindo à produção de homens hegemonicamente masculinos e heterossexuais. Algumas vezes, essa produção traz atitudes preconceituosas e gera violência contra o grupo considerado inaceitável pela sociedade.

O adolescente buscará as identificações para formar um grupo e fazer parte dele, onde poderá dividir e compartilhar idéias, angústias, havendo certa uniformidade de ações, hábitos e comportamentos das pessoas que nele estarão dividindo o espaço privilegiado (Castañeda, idem).

2.4.3

Circunstantes

O adolescente homossexual sempre se preocupa quando vai escolher a quem vai revelar sua orientação sexual. Procura pessoas próximas que acredita serem menos preconceituosas e que poderão ajudá-lo (Isay, 1998). Depois de passar por este processo de assumir-se para a família e os amigos, a preocupação do adolescente, torna-se intensa principalmente quando se refere aos circunstantes. (Goffman, 1981).

O adolescente passa a esconder ou manipular informações sobre sua homossexualidade. Ele tem sempre medo da possibilidade de ser rejeitado e de ser fisicamente agredido, extorquido ou humilhado. Muitos preferem ter uma vida dupla do que se expor mais ainda com a revelação (Mott, 1996).

Segundo Silva (2007, p. 90), caso o homossexual se sinta à vontade com sua orientação sexual, essa auto-aceitação terá um efeito rápido sobre os outros indivíduos, pois ficarão mais fáceis as relações com ele nos encontros e situações sociais.

No imaginário brasileiro, ainda existem os estereótipos e crenças abstratas e muitas pessoas discriminam os homossexuais porque os identificam como

estereótipos ou indivíduos estigmatizados que têm sistemas de valores opostos ao da cultura imposta pela heterossexualidade. De acordo com Mott (1996), os homossexuais no Brasil são rejeitados por 78% entre a população geral e 82% entre formadores de opinião.

Há um crescente número de reportagens e noticiários de violência em que os homoeróticos estão sendo vítimas de pessoas preconceituosas, além de famílias que não aceitam essa condição vivenciada por esses indivíduos que se submetem à falta de apoio de amigos e da sociedade de modo geral (Mott, 1996).

Sobre o preconceito e violência experienciados pelos homossexuais, Silva (2007, p. 78) nos revela uma pesquisa realizada por Berrill (1992)¹, a qual mostrou que 80% dos gays já tinham sido verbalmente agredidos, 44% sofreram ameaças, 33% foram perseguidos ou seguidos, 25% tiveram objetos jogados contra eles e 13% tinham sido cuspidos.

Adolescentes homossexuais, ao contarem as suas histórias de vida, revelam-se como pessoas diferentes, que, mesmo sem pensar em sexo com pessoas do mesmo sexo, já carregam o peso insuportável da discriminação. São estuprados psicologicamente, xingados e emocionalmente torturados, dia após dia pela homofobia dominante em nossa sociedade heterossexista (Mott, 1996).

Dessa forma, Trevisan (2007, p. 157-159) destaca que “depositários dos ideais de tradição patriótica e dos valores patriarcais, as elites brasileiras sempre se apresentam muito defensivas e, por isso mesmo, particularmente vulneráveis ao fantasma do desejo desviante”.

2.5

Assumir-se como homossexual e “Sair do Armário”

O desenvolvimento vital dos heterossexuais é bem previsível e mais tranqüilo que o dos homossexuais. O jovem heterossexual não precisa passar por um processo para assumir para si mesmo e nem para os outros que é heterossexual. Segundo Castañeda (2007), como a homossexualidade ainda é

¹BERRILL, K.T. Antigay violence and victimization in the United States; an overview. In: HEREK, G.M. & BERRILL, K.T. (eds.). **Hate Crimes: confronting violence against lesbians and gay men**. California: Sage, 1992. p. 19- 45.

considerada um tabu nas culturas ocidentais, o adolescente homossexual tem inúmeras dificuldades para lidar com a sua sexualidade diferente e estigmatizada.

O processo de assumir-se como homossexual vai desde a noção dos seus sentimentos e desejos, que são diferentes dos seus colegas, até a visibilidade e conhecimento do homossexual pelos estranhos. Para Isay (1998), a consciência de que se é gay se intensifica no início da adolescência por meio de desejos e fantasias homossexuais e por práticas sexuais. Se o adolescente tem experiências homossexuais satisfatórias, há uma motivação para que ele tenha uma autoimagem saudável que facilitará assumir-se perante amigos gays, adultos e posteriormente aos pais e outros familiares.

O adolescente homossexual inicia esta etapa de sua vida com uma sobrecarga e uma liberdade não compartilhadas pelos adolescentes heterossexuais. Alguns já se viam e se sentiam diferentes desde crianças e, quando adultos, conseguem resgatar a lembrança de terem um comportamento atípico (Isay, idem).

Os adolescentes de doze a quinze anos muitas vezes reprimem ou suprimem seus sentimentos e desejos porque percebem o preconceito nas atitudes dos pais e amigos em relação aos sujeitos gays (Isay, idem). Segundo Mott (1996, p. 45), é desorientador em termos emocionais e sociais para um adolescente se assumir como homossexual, pois isso significa enfrentar provável rejeição e/ou discriminação pela sociedade. Diante de barreiras dessa natureza, há homossexuais que se isolam, sem compartilhar seus sentimentos e provável sofrimento.

A autopercepção do adolescente homossexual é a tarefa mais importante do desenvolvimento do processo de se assumir. É o início da consolidação e da integração de sua orientação sexual. A princípio, o início da sexualidade dos homossexuais poderia se integrar positivamente, mas se torna um processo árduo e difícil para muitos por causa da rejeição inicial dos pais, depois dos amigos e dos estranhos (Isay, 1998).

Seria razoável supor que, assim como o adolescente heterossexual, o adolescente homossexual de doze ou treze anos estaria preparado para reconhecer a sua homossexualidade a partir do surgimento dos impulsos sexuais na época da

maturação psicológica; mas há vários motivos para a demora neste processo, um deles é a sua auto-estima danificada.

De acordo com Castañeda (2007), para que o adolescente seja capaz de se assumir para si mesmo, é necessário que ele não se sinta relativamente preso aos danos causados à sua auto-estima, para ser superior à negação de seus sentimentos por pessoas do mesmo sexo, negação provocada pela sensação de ter sido rejeitado pelos pais, amigos e estranhos e por ser estigmatizado socialmente. É importante que ele tenha adquirido independência suficiente e autoconfiança para se assumir para si mesmo, a ponto de perceber que nunca será capaz de corresponder às expectativas de seus pais, no que se relaciona a uma vida convencional com família tradicional. Para Isay (1998, p. 81), “o adolescente gay que se assume tem oportunidade de planejar a sua vida sem ser coagido pelas expectativas e convenções sociais. Estas oportunidades trazem consigo a liberdade, assim como a responsabilidade, de determinar o seu próprio futuro”. A respeito do momento de assumir, trataremos nos próximos parágrafos.

O vocábulo inglês *closet* originou-se do latim *clausum*, particípio presente do verbo *claudere*, que significa “fechar” e tem outros significados antes de se referir ao homoerotismo. Designa, então, já designou um lugar reservado ou privado onde se tem conversações secretas ou um local para guardar objetos valiosos. Assim, representa o particular em oposição ao coletivo; o escondido em oposição ao que está descoberto; o pessoal em oposição ao social. Nesse sentido, a expressão *to come out of the closet* (“sair do armário” ou “*Coming Out*”) diz respeito ao fato de o sujeito homossexual assumir plenamente a sua homossexualidade em todas as suas relações (familiar, escolar, profissional, amigos e estranhos) (Ferreira, 2007).

Neste trabalho, entendemos a expressão “sair do armário” como o momento em que o adolescente inicia a sua vida sexual e revela-se como gay em um nível íntimo (para si mesmo, família ou amigos) ou social (estranhos, escola ou trabalho). Essa expressão é complexa, pois não envolve somente o período da descoberta homossexual do adolescente, mas durante toda a vida do homossexual quando a sua sexualidade velada pode ser descoberta. Segundo Sedgwick (1994), até os homoeróticos que assumem a sua sexualidade para os outros ou os mais

abertos podem estar presos no armário com alguém pessoal, econômica ou institucionalmente importante para eles.

O termo “saindo do armário” demonstra um avanço no sentido de dar maior visibilidade, assegurando o respeito aos vínculos homoafetivos. Como bem diz Lead (1996), um fato marcante é o ‘armário’ em que o silêncio, o segredo, o disfarce, a privacidade e a restrição são características que o definem, sendo um obstáculo primário para autodeterminação gay. Considera o autor ‘saindo do armário’ como a culminação do movimento da individualização para a revelação, segundo Davies (1992, p. 76), e ainda para Plummer (1995, p. 82) “o ato mais significativo na vida de lésbicas e gays”.

O homossexual nunca está 100% fora do armário. Mesmo que tenha perfeitamente assumido a sua homossexualidade não podemos afirmar que ele saiu totalmente do armário, pois sempre haverá pessoas ou situações novas que ele será considerado heterossexual até que o descubram. Isso não é uma visão sobre a integridade do homossexual, mas de como a sociedade automaticamente vê outro, sempre como heterossexual (Castañeda, 2007).

Apesar da família ou amigos saberem ou desconfiarem da orientação sexual do homossexual, continuarão, muitas vezes, a tratá-lo como se fosse um heterossexual. Muitos pais têm a esperança de que o filho adolescente só esteja passando por uma fase e que, a qualquer momento, aparecerá em casa com uma namorada. O fato também do adolescente homossexual se passar por heterossexual em festas e na escola faz com que o jovem permaneça fechado, escondido e sem ser descoberto. Assim, segundo Castañeda (2007, p. 106), “o famoso armário não serve apenas para se esconder, mas também para esconder o que a sociedade se recusa a ver”.